

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

**POLÍTICAS PÚBLICAS,
COMUNICAÇÃO E SAÚDE: A
ESQUISTOSSOMOSE PELAS PALAVRAS
DE CAROLINA MARIA DE JESUS**

Jhonatan Dias Gonzaga

A sinergia entre Comunicação e Saúde é um princípio amplamente discutido na academia e um objetivo tanto para o mundo corporativo quanto para as instituições públicas. Em *Comunicação e Saúde*, Maria Inesita Soares e Janine Cardoso abordam a comunicação como uma prática social enraizada nas experiências cotidianas, influenciando percepções e comportamentos relacionados à saúde.

O livro destaca a importância da comunicação na formação de políticas públicas e movimentos sociais, e como a qualidade da comunicação é crucial para o sucesso dessas políticas. O Sistema Único de Saúde (SUS) é analisado em termos de suas práticas comunicativas e da necessidade de maior equidade na distribuição de recursos. Diferentes modelos de comunicação, como o informacional, o desenvolvimentista e o humanista de Paulo Freire, são examinados para destacar a necessidade de abordagens mais inclusivas e contextualizadas.

A comunicação em saúde não se resume à transmissão de informações técnicas. Ela envolve a construção de significados compartilhados e a sensibilização das pessoas sobre questões críticas de saúde. A eficácia das políticas públicas de saúde depende da capacidade de envolver a população de forma significativa e respeitosa, considerando seus contextos culturais, sociais e econômicos.

Portanto, este ensaio revisita o livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, destacando a interseção entre Comunicação, Saúde e políticas públicas na prevenção da esquistossomose em São Paulo. A análise revela a insuficiência das estratégias comunicativas adotadas pelas autoridades municipais e a falta de sensibilidade da imprensa em relação à realidade da favela do Canindé.

Conhecida como ‘a doença do caramujo’, a esquistossomose é uma doença tropical negligenciada que afeta principalmente comunidades pobres e rurais. Em *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus descreve o cotidiano da favela do Canindé, onde a falta de saneamento básico permitia a proliferação de doenças. A prefeitura usava o cinema para informar sobre a esquistossomose, mas essa abordagem não atendia às expectativas da comunidade, criando uma discrepância entre a intenção e a recepção da mensagem.

Eu já estava deitada quando ouvi as vozes das crianças anunciando que estavam passando cinema na rua. Não acreditei no que ouvia. Resolvi ir ver. Era a Secretaria da Saúde. Veio passar um filme para os favelados verem como é que o caramujo transmite a doença anêmica. Para não usar as águas do rio. Que as larvas desenvolvem-se nas águas (De Jesus, 1960, p. 49).

Em 26 de julho, Carolina escreve sobre a fome, a lavagem de roupas na lagoa contaminada e a publicação no jornal sobre os 160 casos de esquistossomose na favela. Ela observa que, embora a doença fosse de difícil cura, não foram fornecidos remédios para os moradores. Esse

relato expõe a contradição das políticas públicas que recomendavam evitar a água contaminada sem oferecer alternativas viáveis.

Carolina também reflete sobre o valor da água e como, em vez de ajudar, ela contamina os mais pobres. A falta de saneamento adequado e o descarte de lixo na favela são mencionados como causas da contaminação do ar e da água. A construção de mictórios sem limpeza urbana adequada é vista como uma solução pela Secretaria de Saúde de São Paulo, apesar de insensível.

[...] Até a água... que em vez de nos auxiliar, nos contamina. Nem o ar que respiramos, não é puro, porque jogam lixo aqui na favela. Mandaram os favelados fazer mictórios. 11 DE JUNHO ...Já faz seis meses que eu não pago a água. 25 cruzeiros por mês. E por falar na água, o que eu não gosto e tenho pavor é de ir buscar água (De Jesus, 1960, p. 49).

A comunicação em saúde, segundo Carolina, deveria ser inclusiva e considerar os contextos específicos da comunidade. A abordagem de cima para baixo falha em atender às necessidades reais dos moradores. Em vez de apenas informar sobre a transmissão da doença, as políticas deveriam oferecer soluções práticas, como acesso a saneamento básico e medicamentos.

Carolina destaca a ignorância da Secretaria de Saúde, que não resolve a deficiência da água. Ela questiona a propriedade da ignorância: dos moradores, que conhecem sua realidade, ou das autoridades, que falham em entender e solucionar os problemas da comunidade. A falta de água potável e saneamento básico são desafios cotidianos para os moradores da favela do Canindé, e a comunicação unilateral das autoridades não aborda essas necessidades básicas.

Ensaboei as roupas. Depois fui acabar de lavar na lagoa. O Serviço de Saúde do Estado disse que a água da lagoa

transmite as doenças do caramujo. Vieram nos revelar o que ignorávamos. Mas não soluciona a deficiência da água. [...] Vi uma viatura do Governo do Estado. Serviço de Saúde que vinha recolher as fezes. O jornal disse que há 160 casos positivos aqui na favela. Será que eles vão dar remédios? A maioria dos favelados não há de poder comprar. Eu não fiz o exame. Fui catar papel (De Jesus, 1960, p. 61).

A problemática da comunicação em saúde, conforme descrita por Carolina Maria de Jesus, revela as lacunas entre as intenções das políticas públicas e suas implementações práticas. A imposição de soluções sem considerar as realidades vividas pelos destinatários dessas políticas resulta em um fracasso na efetividade das ações. A abordagem de cima para baixo, na qual as autoridades ditam as normas sem uma consulta adequada aos afetados, perpetua um ciclo de desinformação e desconfiança.

Além disso, o relato de Carolina Maria de Jesus sobre o uso da água contaminada ilustra uma desconexão crítica entre as orientações de saúde pública e a realidade vivida pelos moradores da favela. As políticas públicas nesse caso não levam em conta as limitações de infraestrutura que impedem a adoção de práticas saudáveis. A água, essencial para a vida, torna-se um vetor de doenças quando não há saneamento básico. A comunicação eficaz em saúde deve reconhecer essas barreiras e trabalhar para superá-las, em vez de simplesmente culpar as vítimas por suas condições.

Eu estava tonta de fome devido ter levantado muito cedo. Fiz mais café. Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no Departamento Estadual de Saúde que publicou no jornal que aqui na favela do Canindé há 160 casos positivos de doença do caramujo. Mas não deram remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença do caramujo nos dis-

se que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque eu não posso comprar os remédios (De Jesus, 1960, p. 85).

A narrativa de Carolina Maria de Jesus também destaca o papel do jornalismo e da mídia na comunicação em saúde. O jornal, ao relatar os casos de esquistossomose na favela, falha em aprofundar-se nas causas e nas soluções possíveis. Uma reportagem mais investigativa poderia questionar por que as condições de vida na favela são tão precárias e pressionar por mudanças estruturais. O papel do jornalismo deveria ser não apenas informar, mas também suscitar a reflexão.

IMPLICAÇÕES PARA O JORNALISMO CIENTÍFICO

Os relatos de Carolina Maria de Jesus oferecem lições valiosas para o jornalismo e a divulgação científica. Eles destacam a necessidade de uma abordagem comunicativa mais sensível e contextualizada. Dessa forma, é essencial entender as realidades sociais e históricas dos receptores das mensagens e evitar a comunicação unidirecional e mecanicista.

No jornalismo, reportar sobre questões de saúde exige uma análise profunda das condições e disparidades sociais. É crucial questionar as políticas públicas e promover a justiça social e a equidade. O legado de Carolina Maria de Jesus instiga a adoção de uma postura crítica e ética, comprometendo-se não apenas a relatar fatos, mas também a amplificar vozes marginalizadas e promover mudanças significativas para o bem-estar coletivo.

A abordagem de comunicação em saúde deve ser reformulada para incluir as vozes daqueles que são frequentemente silenciados ou ignorados. A inclusão das comunidades afetadas no processo de desenvolvimento de políticas pode levar a soluções mais eficazes e sustentáveis. Além disso, uma comunicação mais empática e humanizada

pode construir confiança e engajamento, essenciais para a implementação bem-sucedida de qualquer política de saúde pública.

Carolina Maria de Jesus, através de seu testemunho em *Quarto de Despejo*, nos desafia a reconsiderar como nos comunicamos sobre saúde e como implementamos políticas públicas. Seu relato é um chamado para a ação, para uma maior responsabilidade social e para um compromisso com a equidade e a justiça. Em última análise, a comunicação eficaz em saúde deve ir além da mera transmissão de informações; deve fomentar mudanças reais e duradouras nas condições de vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Zilton A. A esquistossomose no Brasil após quase um século de pesquisas. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 35, p. 509-513, 2002.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

DE JESUS, Carolina Maria; DANTAS, Audálio; TEIXEIRA, Alberto. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1960.